



## Fundamentalismo Neopentecostal e Serviço Social: ameaça de um novo projeto conservador?

*Neo-Pentecostal Fundamentalism and Social Services: threat of a new conservative project?*

Felipe de Oliveira Queiroz<sup>1</sup>  
Antonio Carlos Mazzeo<sup>2</sup>

### RESUMO:

O presente artigo é fruto de pesquisa de tese de doutorado cujos fundamentos basilares são diversas pesquisas estatísticas que apontam o incremento dos seguidores de grandes denominações ditas evangélicas, de cariz conservador e adeptas da chamada Teologia da Prosperidade, isto é, a teologia adaptada às necessidades ideológicas do capitalismo contemporâneo. A inserção cada vez mais intensa de líderes religiosos destas denominações em cargos políticos-institucionais no Brasil, concomitantemente com a popularização das ideias de Olavo de Carvalho e o trabalho de agitação e propaganda de organizações ultraliberais e *think thanks*, foi responsável em grande parte pela eleição do neofascista Jair Bolsonaro na presidência do Brasil, recrudescendo-se assim pautas antipopulares, atacando-se a laicidade do estado, e desmontando as políticas públicas em detrimento da filantropia cristã. Assim, este trabalho visa contribuir com a discussão do *ethos* neopentecostal na composição do conservadorismo brasileiro contemporâneo, assim como a ameaça ao Projeto Ético-Político do Serviço Social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conservadorismo; neofascismo; evangelismo; neopentecostalismo; Serviço Social.

### ABSTRACT:

*This article is the result of doctoral thesis research whose basic foundations are various statistical surveys that point to the increase in followers of large so-called evangelical denominations, of a conservative nature and adherents of the so-called Prosperity Theology, that is, theology adapted to ideological needs of contemporary capitalism. The*

---

<sup>1</sup> Doutorando em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: felipequeiroz@uea.org

<sup>2</sup> Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado em filosofia Política pela *Università Degli Studi Roma-Tre* e Livre-Docente em Ciência Política pela Universidade Estadual Paulista.



*increasingly intense insertion of religious leaders from these denominations in political-institutional positions in Brazil, concomitantly with the popularization of Olavo de Carvalho's ideas and the agitation and propaganda's work of ultraliberal organizations and think tanks, was largely responsible for the election of neo-fascist Jair Bolsonaro in the presidency of Brazil, thus reinforcing anti-popular agendas, attacking the secularism of the state, and dismantling public policies to the detriment of Christian philanthropy. Thus, this work aims to contribute to the discussion of the neo-Pentecostal ethos in the composition of contemporary Brazilian conservatism, as well as the threat to the Ethical-Political Project of Social Work.*

**KEYWORDS:** *Conservatism; neofascismo; evangelismo; neo-Pentecostalism; Social Work.*

## Introdução

O protestantismo, resultado de uma cisma da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), respondeu às necessidades do florescimento do capitalismo a partir de superestruturas que o legitimassem através de novos valores éticos, morais, e também teológicos. Tal cisma paradigmática era necessária principalmente em regiões e territórios mais atrasados economicamente, não à toa a primeira reforma protestante deu-se na Alemanha do século XVI a partir de Martinho Lutero.

No Brasil, residualmente existiu um contingente reduzido porém considerável de fiéis protestantes já no século XIX no sul e no sudeste com as levas de imigrantes europeus, assim como a chegada de missionários britânicos e estadunidenses. Já no início do século XX, o pentecostalismo chega ao Brasil por meio de missionários estadunidenses, fundando a *Congregação Cristã no Brasil* no sudeste e a *Assembleia de Deus* no norte do país, enraizando-se entre pessoas e bairros mais empobrecidos (Spyer, 2020, p. 49).

Os neopentecostais, por sua vez, surgiu no século XX nos Estados Unidos e chega pouco tempo depois ao Brasil, onde se desenvolve e se diversifica através da fundação de novas denominações. A principal característica para fins do presente trabalho é que, se para o protestante clássico a pessoa religiosa melhora de vida por conta do trabalho austero e de uma conduta metódica, para o neopentecostal sua fé é recompensada em vida por meio da ascensão financeira. Ou seja, enquanto os protestantes clássicos



seguem uma teologia condizente aos economistas liberais do início do capitalismo, os quais confirmavam – assim como Karl Marx em sua crítica da Economia Política – que a riqueza advém do trabalho, os neopentecostais são estimulados ao empreendedorismo ao mesmo tempo de fazer ofertas dizimistas, de modo que o sucesso do empreendimento seria diretamente proporcional ao tamanho dos dízimos ofertados, portanto também da fé de quem oferta à igreja. Destarte, o dízimo torna-se uma “moeda de troca”, como quase tudo na atual sociedade do consumo.

Novas teologias, interpretações, e discursos religiosos surgem em conformidade com a busca de conformar-se coerentemente às mudanças societárias, como por exemplo o sagrado – assim como o *profano* – ter sua dimensão religiosa reduzida a mercadoria sob uma lógica em que todas as práticas sociais são regidas pelo consumo e pelo lucro.

Na pós-modernidade, o campo religioso entra em ebulição: às vezes é negado, noutras é exaltado. Uma pluralidade de expressões religiosas se faz presente, compreendida de várias maneiras. Essas expressões religiosas ora são negadas (ateísmo), ora são abandonadas ou trocadas por outras (conversão) [...]. Na ebulição do religioso pós-moderno, o conservadorismo doutrinal, dogmático e ritual tem lugar garantido. Às vezes configura num prisma de protesto, às vezes aparece como forma de encantamento das classes subalternas. [...] Na passagem da modernidade para a pós-modernidade, o campo religioso é abalado fortemente pelo movimento neopentecostal, portador de uma matriz revivacionista americana. No grande universo pentecostal, a Igreja Universal surgiu e se destaca pelo seu aspecto institucional, pela sua força de expansão e pela sua capacidade de interagir com as massas marginalizadas e em crise de identidade das sociedades urbanizadas no sistema neoliberal globalizado (Ferrari, 2007, p. 36-37)

O neopentecostalismo pode ser considerado como a terceira onda do pentecostalismo<sup>3</sup>, a qual iniciou-se no Brasil na década de 1970, sendo o projeto de

---

<sup>3</sup> De acordo com Mariano (2014, p. 28), o protestantismo possui três grandes ondas: a puritana, a metodista, e a pentecostal. Já no Brasil o pentecostalismo pode ser dividido noutras três ondas: a primeira onda, também conhecida como *pentecostal histórica*; a segunda onda, também conhecida como *da cura divina*; e finalmente a terceira onda, conhecida como *pentecostalismo autônomo* ou *neopentecostal*, na qual a Igreja Universal do Reino de Deus se encaixa. Convém, entretanto, frisar que o mesmo autor (p. 47) adverte que tais divisões de ondas são didáticas e buscam *tipos ideais*, os quais nem sempre retratam plenamente a realidade. Mariz (1995, p. 39) relata que o caráter autônomo do neopentecostalismo se dá não só pela falta de vínculo com as igrejas protestantes mais tradicionais, mas também pela postura antiecumênica, isolacionista, e – por quê não? – sectária.



gestação da Igreja Universal do Reino de Deus desencadeado entre 1975 e 1977 (Ferrari, 2007, p. 102), sendo fundada oficialmente em 09 de julho de 1977 no Rio de Janeiro. Como bem aborda o autor supracitado (Ferrari, 2007, p. 134), os neopentecostais, entre eles a IURD, deixa de condenar as “esferas mundanas”, e delas fugir, para nelas inserir-se do que é considerado como crítica em relação ao ethos da modernidade, buscando usufruir da sociedade pós-moderna. É nesta toada que adquirem emissoras radiofônicas e a TV Record além de lançarem-se na política eleitoral.

O fundamentalismo religioso é utilizado, de acordo com a vontade e a necessidade de líderes religiosos para que atinjam seus fins políticos. As diversas emissoras de rádio e de televisão – quer a propriedade de emissoras inteiras, quer o controle de horários em emissoras laicas – terminam de compor a superestrutura para a formação ideológica da nova classe trabalhadora brasileira.

À medida que a Igreja Universal começou a mostrar estrutura e presença significativa na organização religiosa e social brasileira, os setores de influência e de poder começaram a reagir e muitos foram ao combate. Em especial, órgãos de imprensa monopolizadores, já sentindo temor de concorrência, percebiam que a entrada da IURD não ocorria apenas nas esferas empresarial e da mídia (Ferrari, 2007, p. 188).

Para além das questões morais da vida privada dos indivíduos, na esfera da reprodução social, a interpretação fundamentalista da Bíblia, a partir de uma visão estreita, dita aspectos éticos também na esfera da produção: a perspectiva do lucro, a ideologia do empreendedorismo e de tornar-se patrão, a negação da luta de classes, e as lutas sociais e as greves vistas como reedições informais do crime de vadiagem, são facetas que legitimam o discurso do neofascismo brasileiro cuja representação é personificada no ex-presidente Jair Messias Bolsonaro por meio do bordão “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!”, o qual se referêcia no nazifascismo germânico<sup>4</sup>.

Existe um desafio, sob o ponto de vista conceitual e histórico, de se caracterizar algo ou alguém como fascista. A própria categoria “fascismo” se ressignifica historicamente, desdobrando-se para além do significado original dos tempos de Benito

---

<sup>4</sup> Um maior aprofundamento sobre esta tese pode ser encontrada no artigo. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/49295/28673>>. Acesso em: 18 dez. 2023.



Mussolini e Adolf Hitler, passando a existir uma discussão científica no seio das Ciências Humanas acerca do conceito e se persiste ou não o fascismo na sociedade contemporânea.

As manifestações mais clássicas e típicas do fascismo surgiram em países de formação estatal tardia, portanto de capitalismo e industrialização também tardios – nomeadamente Alemanha, Itália e Japão – como uma necessidade, a saber:

O fascismo representou, na história contemporânea da direita, uma enérgica tentativa no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição de que vínhamos falando tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas. Enfrentando o problema das tensões que se haviam criado no âmbito da direita entre a teoria e a prática, o fascismo adotou a solução do pragmatismo radical, servindo-se de uma teoria que legitimava a emasculação da teoria em geral (Konder, 2009a, p. 29).

Em nossas palavras, afirma-se que o fascismo é a manifestação dos interesses da burguesia em não só abafar os interesses do proletariado<sup>5</sup>, como também em apelar a um chauvinismo e às práticas imperialistas, divulgando o diferente e o estrangeiro como culpados, e dissuadindo a classe trabalhadora da centralidade do conceito de classe. O fascismo – quer como movimento, quer como doutrina governamental – aflora-se a partir da crise do capitalismo, quando o proletariado não está suficientemente organizado para a tomada do poder e estabelecer a *ditadura do proletariado*, havendo a desmoralização das forças políticas que reivindicam-se de esquerda.

Zetkin (2019) asserta que em toda parte o fascismo possui “um programa revolucionário fraudulento, que se liga de forma extremamente esperta com os

---

<sup>5</sup> “As origens do fascismo podem ser encontradas na Itália no período pós-Primeira Guerra Mundial. Organizado por Benito Mussolini durante um período de crise social em 1919, o *Fasci Italiani di Combattimento* surgiu como reação ao ascendente movimento do proletariado, isto é, da classe social que depende da venda de sua força de trabalho para obter meios de subsistência. [...] A derrota do movimento de ocupação de fábricas levou a uma desmoralização generalizada no interior da classe trabalhadora. Os *Fasci* intensificaram seu recrutamento e levaram à frente uma onda cada vez mais forte de ataques contra o movimento dos trabalhadores, recebendo um crescente apoio financeiro de grandes capitalistas e proteção da polícia e de outros setores do Estado italiano. [...] Assumindo rapidamente o caráter de movimento de massas, os fascistas conseguiram conquistar o governo no final de outubro de 1922, com Mussolini virando primeiro-ministro. Uma vez no poder, o fascismo logo agiu para destruir completamente os sindicatos assim como todas as demais organizações independentes dos trabalhadores” (Taber; Riddel *apud* Zetkin, 2019, p. 14-15, itálico dos autores).



humores, interesses, e necessidades de amplas camadas sociais; e o uso violento e brutal do terror” (p. 44).

A reconceituação contemporânea do nazifascismo é definida por nós como neofascismo, ou seja, uma nova manifestação do fascismo frente às necessidades do capitalismo.

A partir da crise no contexto de desorganização do proletariado, por sua vez, ocorre a intensificação do trabalho, o desemprego, e a proletarização dos setores médios da classe trabalhadora e dos pequenos burgueses, fazendo com que tais setores sintam-se ameaçados: se no contexto original, o nazifascismo alemão culpava judeus e eslavos; no contexto atual franceses culpam muçulmanos, africanos, latino-americanos, entre outros. No Brasil, a título de exemplo de certo modo caricatural porém didático, habitantes do centro-sul culpam nordestinos e nortistas, roraimenses culpam venezuelanos, acreanos culpam haitianos, cristãos culpam muçulmanos e ateus, brancos culpam as cotas raciais em concursos e vestibulares, e uma aparente totalidade culpa um pretense comunismo que subverteria a nação e promoveria a *falta de deus* e o *gayzismo*, portanto destruiria a noção de família monolítica enquanto pai provedor, mãe cuidadora, filho como provedor em potencial e filha como cuidadora em potencial.

Estes movimentos reconhecem a crise social, mas tentam retirar a responsabilidade do sistema capitalista, procurando antes bodes expiatórios: imigrantes, negros, judeus, mulheres autoconfiantes e independentes, LGBTs, ciganos e outros. Teorias da conspiração [...] são inventadas, preparadas para desviar a atenção de que o sistema social e econômico é o culpado pela crise (Taber; Riddel *apud* Zetkin,, 2019, p. 27).

É nestes âmbitos que a moralidade neopentecostal compõe o neofascismo brasileiro.

A ascensão da extrema-direita no Brasil – concretizando-se na eleição presidencial de Jair Bolsonaro e de candidatos aliados no poder legislativo – fez com que a discussão sobre o fascismo se intensificasse com bastante força, sobretudo a partir de 2020 com as posturas governamentais anticientíficas e subestimadoras acerca dos desdobramentos da pandemia de covid-19.



O neofascismo é, portanto, a expressão ideológica da autocracia burguesa diante da crise estrutural do capital. Enquanto o fascismo clássico se aflora num contexto imperialista, de capitalismo promovido por estados nacionais, o neofascismo se dá com dinâmicas capitalistas transnacionais promovidas por corporações privadas multinacionais

### **A dimensão do Ethos pentecostal e neopentecostal no neofascismo a brasileira**

A religião é uma das formas de opressão espiritual que está em toda a parte e em toda parte pesa sobre as massas populares, esmagadas pelo seu perpétuo trabalho para outros, pela carência e pelo isolamento. A impotência das classes exploradas na luta contra os exploradores gera, inevitavelmente, a fé numa vida melhor após a morte, assim como a impotência dos selvagens na luta contra a natureza gera a fé em deuses, demônios, milagres, etc. Àqueles que trabalham a vida toda e vivem na miséria, a religião ensina humildade e paciência na vida terrena, consolando-o com a esperança da recompensa celeste. E, àqueles que vivem do trabalho alheio, a religião ensina a caridade na vida terrena, oferecendo-lhes uma desculpa muito barata para toda a sua existência exploradora e vendendo-lhes a preço módico os passaportes para a prosperidade celestial (Lennin, 2022, p. 81-82).

A passagem acima acerca da religião, de Lênin, enquanto propagandista das propostas comunistas e da Revolução Russa, embora ainda seja válida na contemporaneidade e fosse extremamente consequente quanto ao cristianismo majoritário da época<sup>6</sup>, não dá conta de criticar radicalmente a teologia da prosperidade presente nas grandes denominações religiosas do neopentecostalismo; o mesmo se dá acerca das teses de Ludwig Feuerbach criticadas por Karl Marx<sup>7</sup>. Afinal, para esta teologia neocapitalista, a prosperidade financeira é derivada da fé: “A posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados [sic] como provas da espiritualidade do fiel” (Mariano, 2014, p. 167).

Essa teologia está operando e promovendo forte inversão de valores no sistema axiológico pentecostal. Faz isso ao enfatizar quase que exclusivamente o retorno da fé nesta vida, pouco versando acerca da mais grandiosa promessa das religiões de salvação: a redenção após a morte. Além

<sup>6</sup> Isto é, a Igreja Católica Apostólica Romana, a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, e diversas denominações protestantes.

<sup>7</sup> Além da fonte primária, as chamadas Teses sobre Feuerbach, há um valoroso trabalho, consoante à didática, de Alana de Andrade Santana. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/argum/article/view/29815/17661>>. Acesso em: 01 fev. 2023.



de que, em vez de valorizar temas bíblicos tradicionais de martírio, autossacrifício, isto é, a ‘mensagem da cruz’ [...], a Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como **meio** de obter saúde, riqueza, felicidade, sucesso e poder terrenos. [...] A Teologia da Prosperidade subverte radicalmente o velho ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais, segundo ela, a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação (Mariano, 2014, p. 158-159, negrito do autor).

Esta interpretação bíblica, derivada através da sofisticação da ética protestante de Weber (2009)<sup>8</sup>, legitima a meritocracia neoliberal, responsabilizando fiéis – trabalhadores e trabalhadoras – pelo seu insucesso. Por outro lado, conforta projetos eclesiásticos que, para serem realizados, demandam grandes quantias de dinheiro, penetrando-se assim em diversas outras denominações religiosas cuja origem não é neopentecostal:

Dinâmico e atraente, esse movimento teológico penetrou, ainda que parcialmente, nas protestantes renovadas, na Quadrangular, na Brasil para Cristo, na Casa da Bênção, e até na Assembleia de Deus. Razões não faltam. Em parte, isso foi possibilitado e até estimulado pela extensa literatura dedicada ao tema, pelo evangelismo eletrônico, pelas instituições interdenominacionais e pela alta rotatividade interdenominacional de fiéis. Além de que a Teologia da Prosperidade, ao justificar o intenso pedido de ofertas, agrada aos pastores cujos projetos evangelísticos são ambiciosos e de alto custo, enquanto que, ao prometer bênçãos materiais e uma vida vitoriosa, mostra-se irresistível aos fiéis (Weber, 2009, p. 166).

Por fim, o enriquecimento dos grandes líderes neopentecostais, entre eles Edir Macedo enquanto fundador da IURD, fundamenta a teologia pregada: enriqueceram-se pela fé que possuem. Ademais, *irmãos empreendedores* formam redes de auxílio mútuo de seus negócios e, pouco a pouco, lançaram-se na política institucional tornando-se cada vez mais relevantes.

---

<sup>8</sup> A afinidade do neopentecostalismo ao capitalismo difere da afinidade entre o puritanismo e o mesmo modo de produção: “sua afinidade com o capitalismo nada tem a ver com a crença no trabalho como vocação nem com o ascetismo intramundano. Embora não conduza à formação de poupança, baseia-se na defesa da prosperidade como algo legítimo e mesmo desejável ao cristão, no estímulo ao consumo e progresso individual e em acentuado *materialismo*. Nascida nos EUA, a Teologia da Prosperidade não tece uma única crítica sequer ao capitalismo, nem à injustiça e desigualdade sociais, nem aos desequilíbrios econômicos do mundo globalizado. Mais pró-capitalista impossível!” (Mariano, 2014, p. 185, itálicos nossos).



Ao se analisar sociologicamente um grupo ou setor da sociedade não se deve classificar o que se convencionou chamar no Brasil de *evangélicos* como um grupo monolítico, homogêneo, ingênuo beirando a quase acefalia, e que não está em disputa:

No Brasil, a consequência de se alienar do debate e hostilizar esse grupo de maneira genérica e desinformada aparece no enfraquecimento de lideranças evangélicas progressistas dentro de suas comunidades, e consequentemente na promoção dos conservadores. Eleitos, em nome da defesa dos costumes, evangélicos conservadores se aliam a grupos de elite econômica como a bancada da bala e a do boi, apoiam a redução da maioria penal, o fortalecimento das políticas repressivas ao crime, o fim de programas de combate à pobreza, mas não se envolvem na defesa de pautas para o combate à corrupção (Spyer, 2020, p. 24).

Todavia, é mister compreender que a chamada *Teologia da Prosperidade*<sup>9</sup>, presente na grande maioria das grandes denominações neopentecostais foi criada pela necessidade do neoliberalismo de incidir na consciência religiosa da classe trabalhadora, pois em sua lógica os problemas socioeconômicos não são ocasionados pelo que a literatura marxiana chama de *estrutura*, mas sim são oriundas da falta de esforço individual.

Como Spyer (2020, p. 23) bem aborda, determinadas mudanças das condições materiais da vida dos fiéis, embora simples, transformam suas vidas, como o pertencimento a uma rede de ajuda mútua, o fortalecimento da autoestima, a promoção de conforto emocional, a participação de grupos de discussões e de orações, o fim do alcoolismo e da drogadição, a proteção da violência doméstica, o assistencialismo, etc., quando muitas vezes as políticas públicas laicas e estatais de Saúde e de Assistência Social não puderam ser acessadas pelos mais diferentes motivos. Para muitos, isto significa uma melhora tênue porém importante na realidade socioeconômica e material, o que é incutido como *prosperidade*, ou seja, “não só uma aposta no sobrenatural, mas uma escolha feita a partir da observação da experiência

---

<sup>9</sup> Tal teologia, embora possua filiação à “Ética Protestante” (Cf. Max Weber), não é seu sinônimo, mas sim uma sofisticação desta em termos teológicos, a qual estimula os fiéis a adotar o empreendedorismo de sobrevivência para enfrentar as adversidades do cotidiano e a prática religiosa – inclusive a prática do dízimo – é recompensada por Deus através do incremento financeiro e da ascensão social. Destarte, para além da manutenção da disciplina moral, torna-se importante “lidar com os aspectos profissionais de sua existência. Tendo em vista atingir a prosperidade socioeconômica e melhorar sua qualidade de vida” (Spyer, 2020, p. 64).



das pessoas que moram no seu entorno, nas periferias e favelas” (Spyer, 2020, p. 23). E, ainda que o fiel continue participe das camadas mais pauperizadas da classe trabalhadora, passa a adotar discursos de saídas individuais e de fé. Esta interpretação sobre as variadas práticas religiosas acopladas à solidariedade, em concatenação íntima com o desprezo de grande parte da intelectualidade e da militância progressista, é que explica – sob nossa análise – a adesão acrítica de trabalhadores neopentecostais ao bolsonarismo, cujos principais expoentes – o presidente Jair Bolsonaro, o senador Flávio Bolsonaro, o vereador Carlos Bolsonaro, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro – declaram e compõem vínculos e simpatias com o chamado evangelismo, sobretudo compondo politicamente com os líderes das principais grandes denominações religiosas neopentecostais, sem deixar de flertar e dialogar com setores do catolicismo e do protestantismo mais clássico, dando ares relativamente ecumênicos e generalizadamente cristãos a seus diálogos políticos.

O episódio da facada, apontado por analistas como decisivo para impulsionar o ex-capitão na reta final da campanha, foi narrado sob a forma de testemunho evangélico, no qual a ação do diabo foi contida pela providência divina. E, demonstrando sua gratidão ao eleitor evangélico, além de seu discurso oficial para a sociedade transmitido pela TV, o presidente eleito fez outro pronunciamento em transmissão ao vivo por meio de uma oração no estilo pentecostal, de mãos dadas e olhos fechados. (Spyer, 2020, p. 185).

Assim sendo, embora a participação evangélica – na sua faceta fundamentalista – na política brasileira não é nova (Cavalcanti, 2002; Smiderle, 2013), após um incremento adquirido nos governos petistas<sup>10</sup>, é a partir das eleições de 2018 – com o sucesso do bolsonarismo – que o poder político fundamentalista cristão ganha musculatura e entra em franca ascensão, desmontando direitos sociais conquistados e ameaçando a laicidade do estado<sup>11</sup>: se antes a verdade absoluta e inquestionável já se

---

<sup>10</sup> Em fevereiro de 2015 Eduardo Cunha, então deputado federal pelo PMDB, membro da Igreja Assembleia de Deus e economista, assume a Câmara dos Deputados. Pela primeira vez, conforme Lacerda (2019, p. 15), um evangélico ocupa o posto. Pela posse, Cunha enquanto pastor realizou um culto de gratidão à eleição dias depois. Em 2016, Jair Bolsonaro é batizado evangélico por Pastor Everaldo, candidato à presidência pelo PSC em 2014.

<sup>11</sup> A bancada evangélica, junto com a ala católica conservadora, pautam campanhas e praticamente inviabilizam que candidatos à presidência da República debatam o aborto sob uma perspectiva laica a partir da Medicina, da Saúde Pública, e dos direitos reprodutivos.



expressava no “está escrito na Bíblia”, construindo-se uma visão de mundo e um modelo comportamental através de uma interpretação sumária e dogmática dos escritos sagrados, atualmente também legisla-se “em nome de Deus” desconsiderando-se a liberdade religiosa e a garantia de direitos de acordo com o estado laico. Cada vez mais, desta maneira, a política de tratamento ao uso de drogas dá espaço às ditas *comunidades terapêuticas* de cunho religioso; o desmonte da Assistência Social dá lugar à filantropia; a sexualidade é, ao mesmo tempo, discutida a partir do controle dos corpos (sobretudo os femininos)<sup>12</sup> enquanto a educação sexual no ambiente escolar é tratada como perversão; manifestações de Saúde Mental, que podem ser de depressão a delírios<sup>13</sup>, são tratadas como *manifestações do diabo, encostos, ou falta de fé*; o conceito de “gênero”, que é científico, é tratado como *ideologia*.

### **O serviço social no contexto: a igreja invade o SUAS?**

A profissão se aflora, como é de conhecimento geral de estudiosos do Serviço Social enquanto área do conhecimento, na necessidade de qualificar e aperfeiçoar o trabalho de caridade, sobretudo de mulheres ligadas à Igreja Católica Apostólica Romana, sendo esta marca indelével na profissão após décadas de laicização, pois:

No campo teórico, as primeiras décadas do Serviço Social no Brasil tiveram como seiva o pensamento social da Igreja e o pensamento conservador, especialmente da sociologia norte-americana. [...] A relação da profissão com o ideário católico vai cunhar seus primeiros referenciais no contexto da expansão e secularização do mundo capitalista. Sua fonte é a doutrina social da Igreja, a ação social franco-belga e o pensamento de Santo Tomás de Aquino (século XII) retomado em fins do século XIX por Jacques Maritain na França e pelo cardeal Marcier na Bélgica (neotomismo), tendo como objetivo ‘aplicar’ esse pensamento às necessidades do contexto social. Essa relação vai imprimir à profissão um caráter apostolado fundado em uma abordagem da “questão social” como problema moral e religioso e em uma intervenção que prioriza a formação da família e do indivíduo para a solução de ‘problemas’ e atendimento de suas necessidades materiais, morais e sociais (Lara, 2011, p. 29-30).

<sup>12</sup> O próprio Eduardo Cunha, citado em nota anterior, foi autor de proposta que restringe o atendimento médico de vítimas que tenham engravidado mediante estupro. Vide Projeto de Lei 5.069/2013, disponível em:

[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=node01nqvflt93lgxdzj69binqotsx4942050.node0?codteor=1061163&filename=PL+5069/2013](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=node01nqvflt93lgxdzj69binqotsx4942050.node0?codteor=1061163&filename=PL+5069/2013). Acesso em: 27 nov. 2021.

<sup>13</sup> Os quais podem acontecer em pessoas com esquizofrenia ou transtorno afetivo-bipolar, por exemplo.



Corroborando com o supracitado e contextualizando-o, Iamamoto (2013)

coaduna:

Para a Igreja, 'questão social', antes de ser econômico-política, é uma *questão moral e religiosa*. A sociedade é tida como um todo unificado, através de conexões orgânicas existentes entre seus elementos, que se sedimentam pelas tradições, dogmas e princípios morais de que a Igreja é depositária. Deus é a fonte de toda a justiça, e apenas uma sociedade baseada nos princípios cristãos pode realizar a justiça social. A intervenção do Estado na 'questão social' é legítima, já que deve servir ao bem comum. O Estado deve assim preservar e regular a propriedade privada [...]. Mas o Estado não pode negar a independência da sociedade civil. Entre ele e os indivíduos existem os grupos sociais 'naturais' (a família, a corporação, a nação, etc.), organismos autônomos, mais que mera soma de indivíduos, que limitam a ação dominadora do Estado. A Igreja deve compartilhar com este a atuação diante da 'questão social', na tarefa de recristianização da sociedade através de grupos sociais básicos, especialmente a família. Impõe-se uma ação doutrinária e organizativa com o objetivo de livrar o proletariado das influências da vanguarda socialista do movimento operário e harmonizar as classes em conflito a partir do comunitarismo cristão. (Iamamoto, 2013, p. 21, itálicos da autora).

Esta gênese da profissão é derivada da hegemonia católica no Brasil, quando a Emenda Constitucional nº 3.218, que incorporou o direito à liberdade de culto no país na Constituição de 1946, e retirou de uma vez por todas qualquer estatuto de privilégio da religião católica no país, o que foi importante para a secularização e laicização da profissão junto com o desenvolvimento das escolas de Serviço Social, embora características originais apresentem-se indelévels e sirvam de substrato para o florescimento de um novo perfil conservador da profissão:

É necessário também lembrar que o Serviço Social ainda mantém traços de profissão em cuja origem estão presentes elementos vocacionais como: a valorização de qualidades pessoais e morais, o apelo ético, religioso ou político e o discurso altruísta e desinteressado. Nestas profissões, o primado do ser sobre o próprio saber é essencial (Yazbek, 2009, p. 11).

A reprodução estereotipada do que é o Serviço Social não é um dado exclusivo daqueles que buscam a formação, mas permanece presente em muitos espaços socio-ocupacionais, na percepção de muitos gestores das políticas sociais, na imagem que alguns usuários constroem e até no entendimento de profissionais de outras áreas, fatores que geram inúmeros embates no campo de atuação para a afirmação das verdadeiras competências e atribuições da categoria (Pinheiro, 2015, p. 215).



O atual desmonte do Estado brasileiro e suas políticas públicas, as privatizações, e a adoção do ideário neoliberal demanda um novo programa conservador viável à atual realidade brasileira, de mais presença neopentecostal e com um vácuo de reconhecimento de uma força política de esquerda que sirva como referência para a classe trabalhadora<sup>14</sup>. Assim sendo, com o proletariado politicamente desorganizado, e o Estado sendo um produto da luta de classes, ao contrário do que ocorreu na década de 1940 o Estado não incorpora reivindicações das classes subalternas.

O estranhamento da maioria das forças políticas da dita esquerda pela atual classe trabalhadora impede ora a aceitação destas forças por elas, ora o recrutamento delas por estas forças. Tal estranhamento se dá tanto pelo motivo do desconhecimento da caracterização do atual Mundo do Trabalho, portanto objeto de discussão dos sociólogos do trabalho; quanto pelo motivo do desconhecimento da classe trabalhadora em suas dimensões de reprodução, entre elas a religiosidade, afinal a religião promove, entre outras coisas, sentimento de comunidade, valores morais, referências à pobreza e à miserabilidade, etc, que refratam na sociedade como um todo. Diversos autores relatam as ligações entre comportamento religioso – sobretudo protestante, desde os tempos de Lutero e Calvino – e desenvolvimento da sociedade capitalista, sobretudo Weber (2009) em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.

A partir do pleito dos conservadores a um passado saudosista, deslegitima-se a existência da comunidade LGBTQIA+, o feminismo e a independência profissional das mulheres, a liberdade de culto para além das religiões cristãs ou abraâmicas, e medidas de saúde pública como o aborto, as terapias hormonais<sup>15</sup>, a redução de danos enquanto política antidrogas, entre outras.

Convém frisar que:

---

<sup>14</sup> Considerou-se que entre o fim do século XIX até 1930 a força política que mais hegemonizava influência na classe trabalhadora eram as organizações anarquistas, sobretudo o anarcossindicalismo; a partir da década de 1930 até o início da década de 1970, mais especificamente a posse de Emilio Garrastazu Médici e a institucionalização do Ato Institucional nº 5 (AI-5), a hegemonia foi dos comunistas, sobretudo do Partido Comunista Brasileiro (PCB); Por fim, entre o fim da década de 1970 – marcado pelo chamado *Congresso da Virada*, pela explosão das greves do ABC Paulista, e pela perseguição e descaracterização do PCB – e o início da década de 2010, pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Assim como no período de interstício entre os ciclos pecebista e petista, atualmente a hegemonia de esquerda está em disputa.

<sup>15</sup> Por vários motivos, mas principalmente quando se destina a transexuais e travestis.



O evangelismo é, por definição, um movimento internacional. Para ficarmos nas duas evidências marcantes: a Assembleia de Deus tem sede nos Estados Unidos; Igreja Universal do Reino de Deus tem filiais naquele país. O intercâmbio de pastores e de religiosos é permanente. É ilustrativa da comunicação a história da Escola de Líderes da Associação Vitória em Cristo, fundada em 2008 por Silas Malafaia, líder da AD [Assembleia de Deus] no Brasil. A Eslavec surgiu, segundo seu fundador, 'a partir de sua participação em uma escola de líderes nos Estados Unidos, promovida pelo Pr. Morris Cerullo – um dos principais tele-evangelistas americanos e divulgadores da Teologia da Prosperidade – a School of Ministry'. [...] Essa comunicação internacional contínua explica por que, além além dos temas que tem intrínseca relevância na política interna – defesa de visões de mundo religiosas ou laicas a respeito do comportamento sexual; criminalidade; políticas públicas e política econômica, e mesmo de um anticomunismo resquício de Guerra Fria –, se alia a um tema exógeno que é a defesa de Israel (Lacerda, 2019, p. 194-195).

Acerca do anticomunismo materializado no ódio ao PT, e de certo modo na culpabilização da pobreza de acordo com os pretextos da Teologia da Prosperidade, são questionadas a Teoria Social Crítica, a Teoria Social de Marx, e a hegemonia contemporânea do conjunto de correntes críticas do Serviço Social em âmbito acadêmico.

Diante do exposto, o Serviço Social não está imune ao recrudescimento do conservadorismo e até mesmo perfis protofascistas na profissão.

### Considerações Finais

Em *O capital*, Marx deixou claro que considerava a religião um reflexo necessário, na cabeça dos homens, de uma vida organizada de tal modo que as relações entre as pessoas (prejudicadas pela propriedade privada) eram tensas, obscuras, geradoras de insegurança, opressão e violência. A religião só poderia desaparecer quando não existisse mais esse mundo do qual ela era o *reflexo necessário*. Antes de ter criado na prática um mundo novo que venha a tornar a religião desnecessária, é absurdo pretender suprimir o reflexo religioso na consciência dos homens: a coerção antirreligiosa reforçaria as bases da ideologia que estaria pretendendo anular (Konder, 2009b, p. 44).

O fundamentalismo religioso é utilizado, de acordo com a vontade e a necessidade de líderes religiosos para que atinjam seus fins políticos. As diversas emissoras de rádio e de televisão – quer a propriedade de emissoras inteiras, quer o controle de horários em emissoras laicas – terminam de compor a superestrutura para



a formação ideológica da nova classe trabalhadora brasileira: a perspectiva do alcance do paraíso ainda em vida por meio da ascensão econômica e do lucro, a ideologia do empreendedorismo e de tornar-se patrão, a negação da luta de classes, e as lutas sociais e as greves vistas como reedições do crime de vadiagem são facetas que legitimam o discurso do neofascismo brasileiro cuja representação é personificada no atual presidente.

O comunismo e o petismo, apresentados de maneira propositadamente confusa e difusa, são representados maniqueisticamente como a representação do mal, da imoralidade, da perversão, da pedofilia, da prática de diversos crimes e, portanto, também da corrupção: esta apresentada não como consequência da presença de corruptores – portanto dos poderes econômicos ou, em outras palavras, da burguesia – mas sim mostrada sob um aspecto moralista. Por outro lado, diante de qualquer indício de corrupção por parte da base social do bolsonarismo, o estigma de *ateu, petista, comunista, corrupto, e participe do sistema* é evocado enquanto defesa.

Se por um lado é óbvio afirmar que não é a totalidade de religiosos evangélicos que aderem e comungam do irracionalismo político que compõe o neofascismo a brasileira, por outro este discurso encontra eco em diversos outros setores da sociedade sobretudo diante da promoção do anti-intelectualismo e da desmoralização da universidade: não adianta, a título de exemplo, um professor de uma suposta universidade de excelência expressar-se – citando estudos, fontes e evidências – sobre uma teoria ou comprovação científica quando para o interlocutor sequer a sigla desta universidade lhe é familiar; esta pessoa adere ao discurso e ao pensamento de quem por ele é reconhecido, como as pessoas de seu bairro, o jogador de seu time de várzea, seu colega de trabalho, assim como o sacerdote e seu irmão de igreja.

Sob um horizonte emancipatório, afirma-se que todas as revoluções socialistas foram feitas com suas respectivas classes trabalhadoras, e não apesar delas. Assim sendo, é necessário que lutadores sociais, partidos, e acadêmicos, se debrucem sobre o *trabalho de base* e pesquisas e extensões universitárias destinados às periferias, a fim de que se referenciem-se socialmente junto do proletariado.



O cristianismo não é naturalmente, ou por definição, fascista ou reacionário, muito pelo contrário: o cristianismo original, não institucionalizado, questionava a ordem vigente. É possível que se crie uma corrente teológica evangélica da classe trabalhadora – da mesma maneira que foi criada a Teologia da Libertação no seio da Igreja Católica Apostólica Romana – assim como religiosos podem questionar líderes e não segui-los acriticamente, promovendo mudanças de baixo para cima. Contudo, para que isto aconteça, não se pode ser reducionista ou preconceituoso frente a este setor da sociedade que no Brasil somente cresce.

Dialogando com Netto (2016), concorda-se que na profissão “o monopólio exercido por décadas pelo conservadorismo foi amplamente vulnerabilizado” (p. 62) e que, contudo, “é preciso assinalar que a história nova se vê exigida, nos dias atuais, pela urgência de, sobre novas bases, revisar/consolidar [...] a direção social que ganhou força e larga ponderação no universo profissional nas duas últimas décadas do século XX” (p. 61) pois ao fim das duas primeiras décadas do século XXI o Brasil e o mundo sofreu enormes e substantivas mudanças no tocante da evolução das forças produtivas, da tecnologia da informação<sup>16</sup>, do mundo do trabalho, e da mudança da correlação de forças no campo político-eleitoral e sindical. Acerca do desdobramento da geopolítica das religiões, é de conhecimento (Pinheiro, 2015; Silva; Lanza, 2017) que cada vez mais – intencionalmente ou não – os cursos de Serviço Social atraem postulantes a graduandos devido à gênese conservadora, filantrópica e benemérita da profissão. Isto, agregado com a explosão dos cursos EAD – aos quais a ABEPSS<sup>17</sup> e a ENESSO<sup>18</sup> pouco ou nada têm acesso – e a bancada da Bíblia enquanto importante legisladora no Congresso Nacional, podem adubar um terreno auspicioso para um retrocesso do Projeto Ético-Político da profissão e, portanto, na prática profissional modal pois embora a perspectiva crítica e laica ainda seja hegemônica nos cursos de pós-graduação em Serviço Social e nos principais congressos acadêmicos da categoria<sup>19</sup>, insuficientes dados

---

<sup>16</sup> O que possibilitou, em que pese as críticas, tanto o ensino emergencial remoto quanto o ensino à distância (EAD) regular.

<sup>17</sup> Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social.

<sup>18</sup> Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social.

<sup>19</sup> Notadamente o Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS) e o Encontro Nacional de Pesquisadores/as em Serviço Social (ENPSS).



temos sobre os campos de atuação e generalidade das escolas, assim como a calibragem dos dados dos atuais estudantes, apesar da seguinte declaração de lamamoto:

Ainda que a profissão e o ensino acadêmico-profissional tenham se secularizado ao longo dos anos, a religiosidade impregna a juventude estudantil na área, especialmente a de raiz protestante. Ela hoje prevalece sobre a influência da igreja católica, que teve dominância ideológica no passado dessa área profissional. O componente religioso atualmente é mais afinado com a ascensão social capitalista, expressando um trânsito da fraternidade à prosperidade (lamamoto, 2014, p. 629).

O neofascismo e mesmo o bolsonarismo, em alternativa, não seria – e de fato não foi! – sufocado somente com a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais em 2022: a conciliação de classes e as contradições da crise estrutural do capital é que fomenta e fomentará o neofascismo, o qual poderá se metamorfosear, sofrendo mudanças para que tudo continue como está, parafraseando uma famosa assertiva Giuseppe Tomasi di Lampedusa. Apropriar-se do *ethos* do trabalhador e da trabalhadora evangélicos torna-se uma necessidade tanto político-profissional, quanto teórica-acadêmica, a fim de ganhar corações e mentes para a emancipação da sociedade.

O Serviço Social enquanto profissão de garantia de direitos, e que possui um Projeto Ético-Político dos mais avançados dentre as profissões liberais, sofre tanto a concorrência pelo filantropismo religioso quanto a ameaça aos princípios laicos de garantia de direitos conquistados pelo Movimento de Reconceituação e pelo chamado “Congresso da Virada” a partir da mudança de correlação de forças na categoria profissional e na sociedade como um todo. Neste sentido, se ainda hoje existem as diretrizes curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) para as instituições de ensino superior, o que vem garantindo um mínimo de teor crítico nas grades curriculares a respeito do ensino de teoria social, nada impede – dada as mudanças recentes no *ethos* da sociedade brasileira – que a profissão no Brasil mude de projeto e adote um novo projeto conservador distinto do primeiro projeto de profissão (católico de influências neotomistas) ou fique impossibilitada de executar o já existente. Perceber isto exige sair da endogenia da profissão e, utilizando a produção teórica do Serviço Social enquanto área de produção do conhecimento, assim como das Ciências Sociais puras, da Filosofia, da História, e mesmo de diversos apêndices da



Ciência da Religião e da Teologia, a fim de apropriar-se da totalidade que envolve o movimento real de teses, antíteses e sínteses.

## Referências

- CAVALCANTI, R. *Cristianismo & Política: teoria bíblica e prática histórica*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- FERRARI, O. A. *Bispo S/A: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.
- FEUERBACH, L. A *Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. Disponível em <[http://resistir.info/livros/a\\_essencia\\_do\\_cristianismo.pdf](http://resistir.info/livros/a_essencia_do_cristianismo.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- KONDER, L. *Introdução ao Fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *O Marxismo na Batalha das Ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2009b.
- IAMAMOTO, M. V. *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 2013.
- \_\_\_\_\_. Formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014.
- LACERDA, M. B. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro*. Porto Alegre: Zouk, 2019.
- LARA, R. *A Produção de conhecimento no Serviço Social: O mundo do trabalho em debate*. São Paulo: UNESP, 2011.
- LENIN, V. I. Socialismo e Religião. In: LENIN, V. I. *Lênin e a Religião*. São Paulo: Lavrapalavra, 2022.
- MARIANO, R. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2014.



MARIZ, C. L. Perspectivas Sociológicas sobre o Pentecostalismo e o Neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, n. 13, p. 37–52, 1995. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14222/12122>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

NETTO, J. P. Para uma História Nova do Serviço Social no Brasil. In: SILVA, M. L. O. S. *Serviço Social no Brasil: História de resistências e de ruptura com o conservadorismo*. São Paulo: Cortez, 2016.

PINHEIRO, P. W. M. Serviço Social, neoconservadorismo religioso e o desafio para a formação profissional. *Temporalis*, ano 15, n. 19, jan./jun. 2015.

SILVA, C. N.; LANZA, F. Estudantes de Serviço Social e as Religiões: conservadorismo sob nova roupagem? *O Social em Questão*, ano 20, n. 38, 2017.

SMIDERLE, C. G. S. M. *Modernização à Brasileira: o tempero pentecostal da política nacional*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2013.

SPYER, J. *Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração, 2020.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

YAZBEK, M. C. O significado socio-histórico da profissão. In: *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 125-143, 2009, 760p.

ZETKIN, C. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

**Recebido em: 15/03/2023**

**Aceito em: 19/12/2023**